

## Semana de Boas-vindas

O evento de boas vindas dos discentes na Faculdade de Educação contou com a participação de muitos(as) calouros(as) em atividades lúdicas, palestras e encontros. As atividades aconteceram nas turmas da manhã e da noite. Os docentes se empenharam em mostrar a faculdade e o espírito acadêmico de amizade e empatia.

Nas palavras de Ana Clara, caloura do primeiro período da turma da noite, “o encontro foi importante, pois permite entender um pouco o funcionamento do mundo acadêmico, que é muito diferente do ensino médio”. Como se vê, a experiência foi exitosa, e o acolhimento dos discentes funcionou como uma interação ao relacionar a empatia e o respeito ao educando.



Autora da charge: Katia Benta, 6E

## Editorial

Iniciamos mais um ano cheio de esperança. É com base nesse espírito que nasce o presente Fae Informa, resultado de um esforço coletivo entre alguns professores e alunos que decidiram levar a efeito um pouco do que nossa faculdade faz e exerce com grandes esforços e poucos recursos, apesar das muitas dificuldades que temos passado para a manutenção de nossas pesquisas. Dignos da resistência, conseguimos reunir alguns textos de professores que nos ofereceram um pouco do que a pedagogia faz e é capaz de fazer na sociedade.

Nesse sentido, o artigo do professor Lúcio Alves de Barros descreveu, em poucas linhas, o trabalho do pedagogo em presídios. Destacou que a pedagogia, é de suma importância, pois além da esfera da educação o profissional também atua nas comissões técnicas de classificação e, não raro, são assessores dos diretores tanto das escolas quanto dos presídios.

O segundo artigo é da professora Janayna Alves Brejo, que nos falou sobre o medo. Esse que nos alerta em tempos de aflição e angústia. Sua escrita nos permite pensar que uma possibilidade de diminuir ou de controlar esse medo é o de reconhecê-lo em sua força e extensão. O reconhecimento de nossa pequenez, ao contrário do senso comum, é o caminho para saber como enfrentá-lo, identificá-lo e até resolvê-lo ou separá-lo.

Nas “reminiscências da FaE”, a terceira parte de nosso periódico, contamos com a contribuição da professora Maria Esperança. Sua história acadêmica se confunde com a da instituição. Atualmente, ela exerce a função de Coordenadora do Curso de Pedagogia, mas se formou em 2001 na Faculdade de Educação/CBH/UEMG. Já em 2005 ela se tornou professora da casa “tendo como pares em sua carreira os próprios professores e amigos” de outrora.

O artigo do professor Moacir Gomes Almeida renova o alerta sobre a construção do conhecimento. Em poucas linhas, ele consegue nos explicar as peculiaridades do conhecimento. Em um momento único nos lembra a importância da (1) Disciplina. Depois com duas ou mais disciplinas temos a (2) multidisciplinaridade, (3) a pluridisciplinaridade, a (4) interdisciplinaridade e (5) a transdisciplinaridade. Categorias heurísticas que servem para revelar o conteúdo de uma dada metodologia ou enfoque de pesquisa.

O projeto “Sankofa: História e Culturas africanas para educadores” foi apresentado pelas professoras Rogéria Cristina Alves e Andrea Cristina Ulisses de Jesus. O objetivo é o de aproximar o conhecimento acadêmico dos saberes sobre as histórias e culturas africanas. No artigo, as autoras revelam um mundo de símbolos, significados e significantes que mostram a importância do continente africano e o trabalho árduo dos profissionais da Educação Básica “que precisam lidar com a História da África de forma direta ou indireta em suas aulas”.

O artigo da professora Liliana Borges nos lembra que o estágio dos discentes na graduação se converte em atividade profissional. Na realidade, ele é uma das mais importantes atividades do processo de formação acadêmica. Nele os discentes enfrentam o campo, conseguem observar o cotidiano, fazem escolhas, percebem os problemas da cultura e da gestão escolar. Após o término do estágio, cada experiência é socializada e discutida em sala. As questões levantadas são problematizadas e tanto os alunos, quanto os professores tem a oportunidade de construir conhecimento.

O professor Francisco André Silva Martins nos convida em seu artigo a refletir acerca do conceito polissêmico de “juventude”. Dentre muitos estudiosos, defende ele o conceito de juventudes, colocando um “S”, no intuito de revelar a dificuldade de conceituar e, ao mesmo tempo, garantir a liberdade de categorizar aquele indivíduo que no momento está localizado em uma fase da vida bastante peculiar. Nesse sentido, o docente defende uma “formação dialógica”, na qual a horizontalidade tem o seu lugar baseado no respeito no reconhecimento do outro, e de sua diferença.

Este é o nosso Fae Informa. Temos a ciência de suas limitações e estamos contando com a contribuição costumeira de toda a comunidade acadêmica. Boa leitura!

### EXPEDIENTE

*FaE Informa é uma publicação da Faculdade de Educação do Campus de Belo Horizonte da UEMG – Edição, reportagem e diagramação: Equipe CenC – Conselho Editorial: Lucio Alves de Barros; Luciana Zenha Cordeiro; Luan Avelino Duarte de Souza; Cristiana Fonseca de Castro Oliveira, Elaine Maria Cunha de Moraes; José Cosme Drumond. Centro de Comunicação: cenc.fae@uemg.com – <https://www.instagram.com/Projeto> gráfico: Luan Avelino Duarte de Souza. Diagramação: Luan Avelino Duarte de Souza. Redação: Responsabilidade de cada autor. Revisão: Eliana Gomes Silva Machado. Universidade do Estado de Minas Gerais – Reitora: Lavínia Rosa Rodrigues – Vice-Reitor: Thiago Torres Costa Pereira. FaE: Diretora: Maria de Lourdes Teixeira – Vice-Diretor: Jurandir de Souza. Os conceitos emitidos em colunas e artigos são de responsabilidade de seus autores. Editoração: Equipe CenC – Distribuição online.*

## Educação nas prisões

Lúcio Alves de Barros

Imagem: editoraCRV

Existe um campo aberto e interessante para o profissional que lida com a educação como profissão, digo do trabalho do pedagogo em penitenciárias, cadeias e prisões. Penso mesmo que a atividade merece muita atenção, pois o profissional não vai atuar somente nas esferas da escolarização e da educação. O trabalho é mais que uma “pedagogia social” e diz respeito à esfera da justiça criminal, notadamente, das atividades das pessoas em regime de privação de liberdade e à espera da ressocialização. O lugar pode causar espanto e medo, também certo mal-estar ou talvez incerteza, mas existe muita ignorância.

O pedagogo no interior das prisões é um técnico tal como o advogado, o assistente social, o médico ou o psicólogo. Em geral, é um profissional polifuncional que atua não somente na área educacional, mas também nas Comissões Técnicas de Classificação, grupos de trabalho e projetos relacionados ao trabalho e à escolarização do sentenciado.

No campo da educação, em geral o pedagogo, é o responsável pelo elo existente entre a Secretaria da Educação e a Secretaria da Justiça do Estado. Torna-se ele um personagem importante na escolarização dos (as) detentos (as) que ainda desejam estudar. É o pedagogo que conhece o aparato do sistema de justiça e, não raro, é sua competência acompanhar as relações da direção da escola com a diretoria da penitenciária, bem como a manutenção de atividades e relações com docentes e

discentes.

É claro que nem tudo são flores, mas do trabalho do pedagogo faz parte vários projetos de interesse coletivo. O que não poderia ser diferente, dado que trabalhar em prisões é lidar com a omissão do Estado na superlotação de celas, condições de higiene e trabalho precárias, injustiças aqui e ali e um campo minado de incerteza, perigo e risco. Mas nada que não vale à pena quando se tem por objetivo auxiliar os atores que operam no “sistema”, seja nas ações e atividades da unidade, seja na esfera da escola, onde são levadas a efeito as ações no campo das artes, das atividades lúdicas, laborais e práticas pedagógicas que respondem à LEP (Lei de Execução Penal, nº 7.210 de 11 de julho de 1984).

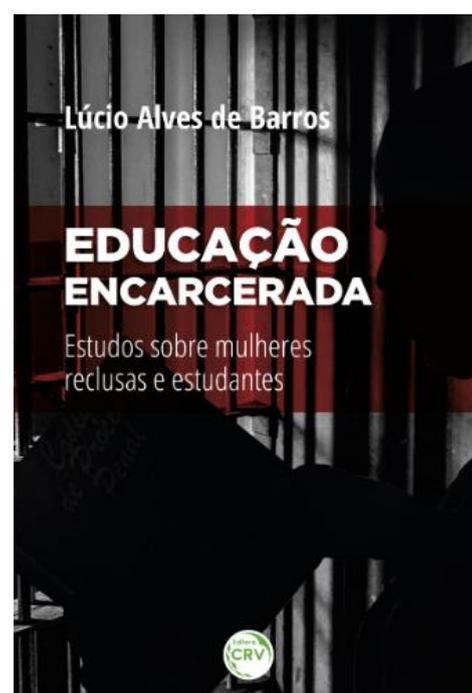
No campo da educação, os obstáculos são imensos. É necessário que o pedagogo esteja em dia e seja um craque na Educação de Jovens e Adultos. A maioria dos (as) apenados(as) não possuem sequer o ensino médio e são raras às vezes que possuem alguma sociabilidade proveniente da cultura escolar. Também são raras as práticas pedagógicas elaboradas para o público sentenciado.

A verdade é que nas escolas é preciso rever a didática, o currículo e o conteúdo das disciplinas. É obrigatório saber que o público em questão é peculiar e não vem se adaptando bem aos “currículos infantilizados” dos livros didáticos.

Aprimorar o material de

ensino levando em consideração o aprendizado proposto na ciência da educação é condição *sine qua non* para um bom trabalho. Sabemos que a vida dos (as) presos (as) não é fácil nas quatro paredes da instituição de privação de liberdade, logo é ingênuo pensar que o pedagogo não terá problemas, mas que ele escolha esse caminho sabendo que sua capacidade de luta e resiliência serão testadas todos os dias; nada que não seja superável quando o pedagogo se torna um profissional multifuncional e age abrindo portas para saltos mais elevados como o mestrado e o doutorado.

Nesse campo todos saem ganhando, o pedagogo na sua expertise, os sentenciados que passam a ter uma liderança no contexto da segurança sem armas, a penitenciária no amplo trabalho de manutenção da segurança e o Estado que pode fazer valer as regras – muitas esquecidas – da Lei de Execução Penal.



# Enfrentando nossos medos

“É preciso que tomemos cuidado para não nos tornarmos vítimas do medo, afinal a gente não mata o lobo, pelo contrário, nós aprendemos a conviver com ele.”



Janayna Alves Brejo

Certa vez, li uma frase que me chamou muita atenção pelo momento em que estava vivendo, embora não fosse algo emocionante, mexeu muito comigo e me fez pensar o quanto uma atitude pode mudar nossa vida ou, ao menos, movimentá-la.

A frase cuja autoria menciona Wilton Lazarotto, diz assim: “se der medo, finge que tem coragem, e vai com o medo mesmo”. A partir dessa leitura, aprendi que a melhor forma de lidar com o medo é olhar para ele, ou seja, enfrentá-lo.

Como somos humanos, sabemos que o medo faz parte de nossas vidas, porém, não podemos deixar que ele nos neutralize, ou seja, nos deixe imóveis, sem ação. Muitas vezes, quando as nossas escolhas envolvem mudanças, pode surgir aquela sensação de insegurança trazendo o medo à tona, pois o novo, geralmente, nos assusta. Assim, a oportunidade de um novo emprego, de fazer um novo curso, de ir para uma nova escola, de mudar para uma outra cidade, de morar em uma nova residência, podem nos levar à verdadeira procrastinação, uma vez que o medo de enfrentar uma nova realidade pode fazer com que deixemos tudo para depois, adiando, postergando e alimentando, dessa forma, o medo.

No entanto, penso que o melhor a se fazer, em vez de procrastinar deixando o medo tomar conta, é olhar para ele

encarando-o de frente e com coragem.

E porque será que, algumas vezes, deixamos o medo crescer dentro de nós?

Devido à pandemia, percebe-se nitidamente que muitas pessoas ficam angustiadas, uma vez que sentem medo de sair de casa, talvez pelo tempo em que ficaram em isolamento social sem ter contato com outras pessoas, com exceção daquelas do seu círculo familiar, ou ainda, porque todos(as) nós sabemos que o vírus ainda está “à solta” por aí. No entanto, é preciso que tomemos cuidado para que não nos tornemos vítimas do medo; nesse caso, do medo de viver em sociedade. Desse modo, uma opção seria aprender a observar o medo sem ter medo dele. E como fazer isso?

Nos observando, isto é, deixando vir à tona os sentimentos que nos incomodam, analisando o lugar onde eles se encontram, para que assim, consigamos força para enfrenta-los...

No momento em que aceitamos que o medo existe e que descobrimos o motivo da sua existência, percebemos que embora tenhamos uma razão para senti-lo, isso não significa que realmente ele vá se concretizar. Principalmente porque, a consciência dos nossos medos nos ajudam a torná-los menores do que imaginamos. Somente assim, vamos adquirindo forças para observá-los como uma nuvem que pode ser passageira, se realmente

quisermos combater nossos medos.

Portanto, não adianta resistirmos ao medo, pois quanto menos o olharmos de frente, mais ele poderá crescer.

Sei que não existem repostas simples, mas um grande meio para que nos libertemos dos nossos medos é a aceitação, realizando o movimento prático de observá-los de maneira consciente, sem tentar fingir que não existem e também sem brigar com eles. Porém, esse aceitar não significa olhar para essa sensação até que ela se dissolva de repente e sem esforço. Pelo contrário, pois na medida em que aceitamos os nossos medos ganhamos combustível para enfrentá-los e assim, esses tendem a desaparecer ou, pelo menos, a tornarem-se menores...

E, para finalizar, usando a analogia do lobo, aquele da história dos Três Porquinhos ou da Chapeuzinho Vermelho que vocês certamente conhecem, lembram?

Na verdade, a gente não mata o lobo, pelo contrário, nós aprendemos a conviver com ele. Mas, esse conviver significa enfrentá-lo lutando contra ele, isto é, contra o medo, contra o mal. Portanto, fingir que o lobo (medo) não existe é nos encarcerar no que nos é conveniente naquele momento, gerando um conflito desnecessário que pode se tornar de fácil eliminação, se tivermos coragem e discernimento para encará-lo de frente.

Essa é uma diretriz que acredito valer muito a pena! E vocês, o que acham?

Topam enfrentar o medo olhando para ele?

# SUJEITOS E REMINISCÊNCIAS DA FaE

Maria Esperança de Paula

Minha trajetória na UEMG começa em 1998 quando fui selecionada como estagiária na Reitoria. Foi um período muito rico que contou com o apoio de pessoas muito especiais que me estimularam e apresentaram as grandes possibilidades no mundo da extensão e da pesquisa.

Em 2001, me formei em Pedagogia na Faculdade de Educação da UEMG, com simultânea Pós-Graduação em Tecnologia e Educação ofertada também pela FaE. Um curso que despertou imediato fascínio e identificação com a temática.

Em 2005, comecei a lecionar na graduação da Faculdade de Educação (FaE) da UEMG, uma enorme responsabilidade e honra ao exercer a carreira de magistério tendo como pares meus professores e mestres, que me inspiraram, poucos anos antes, sobre o exercício da docência, com carinho, respeito, afetividade e muita competência.

Lembrar meus votos na colação de grau sempre renova a certeza de nunca desistir desse compromisso, mesmo que a caminhada seja difícil, e acreditar que a educação é um espaço de desenvolvimento de saberes, habilidades, conhecimento e criticidade, tão fundamentais ao pleno exercício humano e social.

Hoje, tenho o privilégio de fazer o que amo: lecionar, cozinhar, pesquisar, experimentar, orientar e inspirar meus alunos, em salas de aula, seja na cozinha, no cinema ou nos múltiplos espaços virtuais.

A “magia” de participar em

cada projeto é única e insubstituível, pois além de vivenciar e aplicar diferentes e criativas estratégias de ensino e aprendizado, me alimento de experiências maravilhosas junto às “Crianças da Esperança”, como carinhosamente chamo meus alunos e alunas, inspirada na forma como o rei espartano Leônidas se dirigia a seus guerreiros nas batalhas. Meus alunos e alunas são meus próprios “300”.

As relações afetivas, amizades, companheirismo, trocas, sorrisos e também angústias e dificuldades são frequentemente amenizados por meio do renovado compromisso de aprendizado mútuo, que tanto fortalece minha própria caminhada de forma humana e integral.

Cada olhar atento em sala de aula e cada sorriso me fazem acreditar que escolhi o melhor dos caminhos, a docência. Sinto orgulho e realização nessa missão que é educar.

Atualmente no Programa Residência Pedagógica, consigo fazer a integração entre universidade e educação básica, lugar de aprendizado constante, de luta diária e de desafios valiosos que abrem espaço para o crescimento profissional e também humano.

Poder participar de parte tão essencial na vida formativa de cada estudante e mediar a descoberta e desenvolvimento de suas habilidades e competências é uma experiência rica e significativa, cheia de desafios, possibilidades e recompensas.

Entre outras tantas reflexões possíveis, o Programa permite visualizar e experimentar ricas interações e troca de saberes, estimulando ainda a valorização de nossas escolas públicas, bem como a percepção do quanto precisamos percorrer para garantir um ensino de qualidade.

Parabenizo a todas e todos que se dispõem a essa batalha. Avante, “Crianças da Esperança”.



Imagem: arquivo da autora

# Trans, pluri, multi e interdisciplinaridade

Moacir Gomes Almeida



Os conceitos delineados no título do artigo têm definições diversas que quase sempre servem para explicar apenas uma das palavras: sobre a interdisciplinaridade. Ivani Fazenda afirma que esta é uma atitude que possibilita uma nova maneira de enxergar e também de lidar com o conhecimento.

A vida tem aspectos que parecem nos ensinar sobre vários olhares para um mesmo acontecimento ou objeto, no entanto antes de perceber que a vida é uma soma devemos destacar que existe a individualidade, existe a compartimentalização, ou seja antes da interdisciplinaridade temos a disciplinaridade. Segundo as palavras de Jurjo Torres Santomé: “Uma disciplina é uma maneira de organizar e delimitar um território de trabalho, de concentrar a pesquisa e as experiências dentro de um determinado ângulo de visão.” Para se ter uma noção do todo é necessário então saber que esse todo é composto de partes.

A multidisciplinaridade é considerada por Jean Piaget citado por Santomé (1998) como o nível inferior da integração entre as disciplinas. É a primeira fase. O segundo estágio é a justaposição de disciplinas que tem uma certa

proximidade como exemplo as disciplinas de física e química e também biologia e matemática. Há uma cooperação visando melhorar o entendimento tanto de uma quanto de outra disciplina, é a pluridisciplinaridade.

O terceiro estágio é a interdisciplinaridade que, segundo Piaget e Wasniowski, ambos citados por Jurjo Torres Santomé existe uma cooperação entre várias disciplinas o que provoca uma reciprocidade nos intercâmbios e como consequência enriquecimentos mútuos. Há transferências de aprendizagens permitindo uma melhor compreensão do conjunto.

Os conceitos citados anteriormente nos levam a etapa ideal de integração entre as disciplinas: a transdisciplinaridade é a etapa superior de integração. Podemos afirmar então que as etapas anteriores nos conduzirão a busca da transdisciplinaridade quando se tratar de conhecimento global. Temos então o seguinte trajeto:

## Disciplina

- **Multidisciplinaridade**
- **Pluridisciplinaridade**
- **Interdisciplinaridade**
- **Transdisciplinaridade**

O currículo da FAE/CBH/UEMG tem a interdisciplinaridade como eixo importantíssimo nas AIP's – Atividade de Integração Pedagógica e nas disciplinas integradas, o que possibilita um ensino de qualidade buscando a diversidade do conhecimento. Essa possivelmente,

é umas das explicações para um índice alto de aprovação de nossos discentes egressos do curso de Pedagogia nos concursos das cidades da grande Belo Horizonte?

## Transdisciplinaridade

Modelo de Jantsch

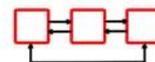
### Multidisciplinaridade

Sistema de um só nível e de objetivos múltiplos; nenhuma cooperação



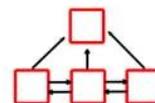
### Pluridisciplinaridade

Sistema de um só nível e de objetivos múltiplos; cooperação, mas sem coordenação



### Interdisciplinaridade

Sistema de dois níveis e de objetivos múltiplos; cooperação procedendo de nível superior



### Transdisciplinaridade

Sistema de níveis e de objetivos múltiplos; coordenação com vistas a uma finalidade comum dos sistemas

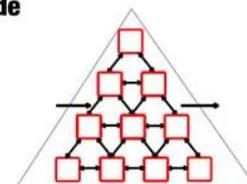


Imagem: disponível em <https://caribe.pro.br/>

# “Sankofa: Histórias e Culturas africanas para educadores”

Rogéria Cristina Alves e Andrea Cristina Ulisses de Jesus

Sankofa é um adinkra, que possui duas representações visuais possíveis: uma ave com o pescoço voltado para trás ou um coração estilizado.<sup>1</sup> O uso deste adinkra no título do projeto de produtividade em pesquisa, coordenado pela professora Rogéria Cristina Alves, visa chamar a atenção para as inúmeras reflexões e possibilidades que o ensino de História da África fornece a educadores. Sankofa significa “nunca é tarde para voltar e apanhar aquilo que ficou atrás.” Assim, o objetivo principal deste projeto é o desenvolvimento de conteúdos didáticos complementares, que funcionem como um convite aos educadores, para que “olhem para suas formações” e acrescentem possibilidades de atualização e aprimoramento, no tocante às histórias e culturas africanas.

O projeto “*Sankofa: História e Culturas africanas para educadores*” tem origem no projeto de extensão “Grupo de Trabalho História da África: aproximando o continente dos educadores”, que esteve em vigência no ano de 2021. O principal desafio desta iniciativa é o de aproximar as discussões acadêmicas e teóricas, acerca das histórias e culturas africanas, dos profissionais da Educação Básica — que precisam

lidar com a História da África de forma direta ou indireta em suas aulas. Os desafios impostos pela tarefa de equacionar produção de conhecimento acadêmico e conteúdos didáticos complementares, são muitos. Contudo, indubitavelmente, faz-se urgente e imprescindível a aproximação entre o universo de pesquisa acadêmico e a Educação Básica.

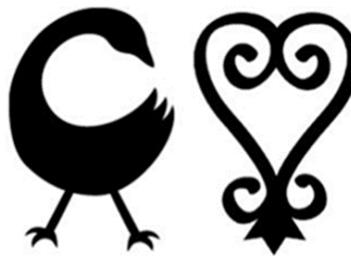


Imagem: Disponibilizada pelas autoras

## I Seminário Sankofa: Caminhos para uma Educação Antirracista

No dia 19 de novembro de 2022, aconteceu na FaE/UEMG, o “*I Seminário Sankofa: Caminhos para uma educação antirracista*”, que contou com a participação das professoras convidadas Andréa Ulisses (UEMG); Iara Pires Viana (SEE/MG); Janayna Alves Brejo (UEMG) e Tatiane Moreira (PBH). Contamos com a participação de um público de mais de 60 pessoas, no auditório da Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais. Na ocasião foram debatidas temáticas ligadas ao ensino de história da África e ao racismo no Brasil. E também foi realizado o “*Workshop Sankofa: África para Educadores*”, dentro da programação do sábado temático da mesma Faculdade, com a realização da oficina de bonecas Abayomis.

Para 2023, esperamos construir a II edição do Seminário e firmá-lo como uma agenda importante para formação dos futuros pedagogos, dentro de nossa Faculdade .

<sup>1</sup> Os adinkras são um conjunto de símbolos, que representam ideias expressas por provérbios. Surgido no continente africano, mais especificamente entre os povos acã da África Ocidental

(grupo formado por diversas etnias, que viveram nas regiões onde hoje se localizam Gana e Costa do Marfim), os adinkras são um dos vários sistemas de escrita de origem africana.

# Estágio Curricular: tempo e espaço de construção de conhecimento



Liliana Borges

O Estágio é uma atividade curricular das mais relevantes no processo de formação universitária. A atuação em campo, seja de observação ou de execução de tarefas concernentes às diversas profissões, representa ao estagiário oportunidades de conhecer e vivenciar, durante o curso de graduação, o trabalho cotidiano junto a profissionais da área. Na Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais (FaE/UEMG), o estágio está presente ao longo de todo o Curso de Pedagogia, com acompanhamento interdisciplinar, resultado de debates, estudos e pesquisas realizadas pelo corpo docente da instituição em diálogo com diversas entidades acadêmico-científicas, dentre elas a Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação (ANFOPE). Tais estudos sistemáticos contribuem para superar a dissociação entre teoria e prática, além da visão fragmentada e incoerente de egressos diante da realidade, condição que dificulta o entendimento educacional numa perspectiva de totalidade. A partir do Parecer do Conselho Nacional de Educação a Pedagogia é entendida como “...campo teórico investigativo da educação, do ensino e do trabalho pedagógico que se realiza na práxis social”. Parecer CNE/CP n. 5/2005, p.4) Conforme a Resolução n° 1 de 2006, que

institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação, licenciatura, a docência é destacada como ação educativa desenvolvida “... na articulação entre conhecimentos científicos e culturais, valores éticos e estéticos inerentes a processos de aprendizagem, de socialização e de construção do conhecimento, no âmbito do diálogo entre diferentes visões de mundo”. (CNE/CP N° 1, 2006, p.1) A formação dos profissionais da educação, para funções próprias do magistério e outras, deve ser baseada no “...princípio da gestão democrática (obrigatória no ensino público, conforme a CF, art. 206-VI; LDB, art. 3°-VIII) e superar aquelas vinculadas ao trabalho em estruturas hierárquicas e burocráticas”. (Parecer CNE/CP n. 3/2006, p.2) Conforme Resolução n° 02/2015 do Conselho Nacional de Educação (CNE), que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada, “O estágio curricular supervisionado é componente obrigatório da organização curricular das licenciaturas, sendo uma atividade específica intrinsecamente articulada com a prática e com as demais atividades

de trabalho acadêmico.” (CNE, 2015, p. 12)<sup>1</sup> Conforme a Resolução 02/2019 que define Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de formação de professores, também conhecida como Base Nacional de Formação de Professores – BNC-FP, a organização curricular dos cursos destinados à formação inicial de professores tem como um dos princípios norteadores o “engajamento de toda a equipe docente do curso no planejamento e no acompanhamento das atividades de estágio obrigatório”. (Resolução 02/2019) No Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia da FaE/UEMG estão previstas 1090 horas de Práticas Pedagógicas de Formação, distribuídas ao longo de Núcleos Formativos (NF) semestrais, destinadas a: Atividades Acadêmico-científico-cultural (AACC); Atividades de Extensão; Atividades de Pesquisa; Trabalho de Conclusão de Curso (TCC); Atividade de Integração pedagógica (AIP) e Estágio Supervisionado, em que são dedicadas 400h na área de formação, para atuação na educação básica e na gestão educacional, em instituições públicas e privadas legalmente credenciadas. Assim sendo, o estágio curricular supervisionado é desenvolvido desde o NF II até o NF VIII, sob a orientação de todos os docentes de cada NF, sendo destacadas como ênfase: “O sujeito

e as práticas educativas” e “Políticas, Gestão Educacional e Práticas Educativas na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, inclusive Educação de Jovens e Adultos (EJA)”. Conforme o campo de atuação em foco em cada semestre, o estágio é direcionado para observações dos espaços escolares e não escolares. Na escola, além de observações dentro e fora das salas de aula, são previstos momentos de regência no NF IV, V, VI e VII, além do estágio em gestão educacional que ocorre no NF VIII. O estágio em espaços não escolares pode ser realizado em órgãos públicos, presídios, centros de reabilitação, museus, centros comunitários, ONGs, dentre outros, que desenvolvam a gestão educacional em proposta pedagógica por um profissional de Pedagogia. (PPC, 2019) O estágio curricular pretende assegurar aos graduandos experiência de exercício profissional, em ambientes escolares e não-escolares que ampliem e fortaleçam atitudes éticas, conhecimentos e competências na

Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, inclusive na Educação de Jovens e Adultos (EJA), na área de serviços e de apoio escolar, além da participação em reuniões de formação pedagógica, em atividades da gestão de processos educativos, no planejamento, implementação, coordenação, acompanhamento e avaliação de atividades e de projetos educativos. (CNE/CP N° 1, 2006, p.5). As práticas desenvolvidas em campo são apresentadas e discutidas em seminários de socialização de estágio, organizados em cada AIP, semestralmente, as quais possibilitam compartilhar os diagnósticos e as experiências, além de refletir e sistematizar os estudos realizados acerca das temáticas abordadas e dos teóricos apontados nas discussões. Nesse processo de construção de conhecimentos surge a escolha de temas para o desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), iniciado no NF V, com um pré-projeto de pesquisa. Portanto, no curso de Pedagogia, da Faculdade de

Educação do campus Belo Horizonte (FaE/CBH/UEMG), o estágio tem a pretensão de “viabilizar a integração teoria e prática com a análise e reflexão desenvolvidas de forma interdisciplinar, englobando atividades de pesquisa, estágio e extensão.” (PPC, 2019, p. 154) Espera-se que os/as estudantes ao realizarem os estágios, em cada Núcleo Formativo (NF) que integram, possam usufruir ao máximo da articulação proposta pela Atividade de Integração Pedagógica (AIP), que possam mergulhar em campo, com um olhar investigativo e de estranhamento, permitindo trazer para o debate as inquietações, angústias e também as experiências exitosas. Também é desejável que os/as estudantes compreendam o trabalho coletivo e a gestão democrática como práticas formativas fundamentais para o fortalecimento da educação e a unidade entre teoria e prática investigativa como um compromisso social desse profissional.

## FIC- A atmosfera de um Campus em construção educação, política e estética

Na noite de segunda-feira, dia 10 de abril de 2023, tivemos o lançamento, no auditório da FaE/CBH/UEMG, do livro "A Atmosfera de um Campus em Construção: Educação, Política e Estética", resultado do conhecido projeto de extensão FIC no Campus.

A obra foi idealizada pelos integrantes do Projeto de Extensão FIC no Campus da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), e tem como objetivo principal revelar

o resultado de ações realizadas junto a professores de diversas áreas, que atuam em distintas Unidades Acadêmicas da Instituição.

O Projeto foi criado em 2016 pela professora Liliana Borges da Faculdade de Educação/CBH/UEMG, em um cenário de disputas de narrativas e de mudanças de programas de governo, federal e estadual, em que uma significativa experiência em Programa Nacional de Formação de Professores, construída no governo

**Autora: Liliana Borges**

Dilma Rousseff, foi interrompida no decorrer do processo de *impeachment* da então presidenta.

Inicialmente o projeto tinha como título o “FIC na FaE” e contava com a participação de professores/as da Faculdade de Educação (FaE), Escola Guignard e Escola de Música da UEMG. No ano de 2019, a composição foi ampliada com a Escola de Design (ED) e a Faculdade de Políticas Públicas (FaPP), motivando a alteração do nome para “FIC no

Campus”.

Com a nova composição o projeto se firmou, amadureceu e se desenvolveu por todas as Unidades Acadêmicas de Belo Horizonte. A professora Liliana Borges afirma que a contribuição de todas as pessoas ao longo de todo o período do projeto foi de suma importância para a manutenção das ações, especialmente das unidades que fazem parte da capital mineira. A ideia agora é fortalecer os laços afetivos, florescer as relações de pertencimento e unificar objetivos que possam levar adiante o sonho da

construção do Campus e de uma cultura acadêmica mineira que resguarde as memórias de sua história na capital de Minas Gerais.

Atualmente, o FIC no Campus é composto por 20 professores das faculdades já mencionadas e muitos contribuíram para a elaboração do presente livro. Tal como afirma Liliana Borges, a produção da obra se concentra nos diferentes processos de formação humana, dentre eles a importância do fortalecimento de seus laços afetivos nas relações.

Não ao acaso, a obra foi

escrita durante a pandemia, em que as atividades nos espaços da universidade foram suspensas e a continuidade do trabalho docente se constituiu mediada pela Inteligência Artificial. Através das telas digitais, por meio das tecnologias de informação, o grupo realizou encontros, reuniões e eventos formativos em que muitas questões sociais foram debatidas, notadamente, aquelas referentes à formação humana, a sobrevivência e a “vida nua” diante dos impactos dos tempos sombrios que ainda se avizinham.

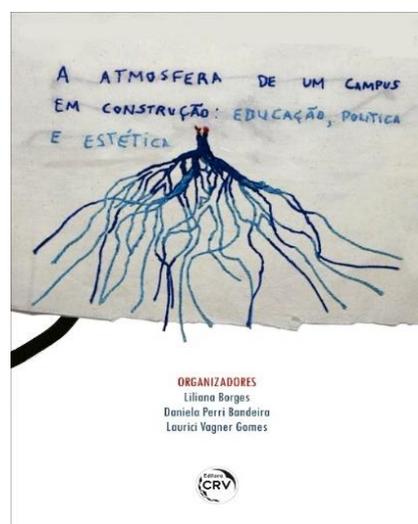


Imagem: editoraCRV

Desde o ano de 2020 a FaE-CBH-UEMG conta com a atuação de um grupo de pesquisa e extensão com o foco nas questões que afetam as juventudes contemporâneas, o Observatório da JuventudeS. A atuação do grupo está alicerçada na crença dos pesquisadores/as envolvidos/as de que é de vital importância que aqueles/as estudantes que se formam para atuar na Educação, ou em áreas correlatas, busquem conhecer e reconhecer as juventudes em sua diversidade, apesar de essa ainda não ser uma

regra na maioria dos cursos de Pedagogia e Licenciatura.

Não seria surpresa se saíssemos pela rua e perguntássemos aleatoriamente as pessoas o que é juventude e, a grande maioria, em alguma medida, conseguisse nos apontar características sobre os modos de ser jovem na sociedade atual. Todavia, há que se destacar que recorrentemente o imaginário social e o senso comum nos dizem de uma juventude que pode não ser no todo uma imagem verossímil, prevalecendo representações

negativas vinculadas à imaturidade, falta de compromisso com coisas sérias e/ou falta de responsabilidade.

Instagram, Tik Tok, feliz nas redes e triste na vida real. Sujeito problema! Fase difícil! “Aborrescente”. Revoltado. Violento. Cabelos pintados, raspados, compridos. Roupas esfarrapadas, mas na moda. Língua estranha, dialeto próprio. Sonhar, amar, sofrer, tudo de uma vez só e como “se o mundo fosse acabar”. Trabalho, estudo, pegação, festa,

## Juventudes e Educação

Francisco André Silva Martins

zoação. Hoje, agora! Não são poucas as imagens negativas sobre a juventude e essa realidade incide na forma como tais sujeitos são entendidos, via de regra, como estando inseridos em um período de transição, de passagem, de preparação para a vida adulta.

Não são crianças, mas também não são adultos, ficam no limbo, como um “vir a ser” que acaba se tornando um “não ser”. A juventude, se constitui como um momento. cronologicamente situado, determinado na vida dos sujeitos, mas ela não se restringe a condição de ser apenas e simplesmente uma passagem. A noção de juventude é algo recente. Os primeiros traços datam do final do século XIX, mas é no século XX que tais elementos são consolidados e são disseminados com maior capilaridade na segunda metade desse século. Após a Segunda Guerra mundial algumas imagens se amalgamaram com mais força à da juventude transviada, revoltada, das gangs de motonetas e canivetes, a da juventude Hippie do sexo livre, bem como da juventude revolucionária que lutava contra as ditaduras e participava ativamente da política como forma de intervenção social. Podemos entender a juventude como sendo uma categoria social, marcada pela sua singular pluralidade. Entretanto, temos que nos debruçar sobre as diferenças existentes entre os vários sujeitos que vivem a juventude, o que nos remete a entender que a vivência dessa fase da vida vai variar de acordo com a condição juvenil.

Questões que passam pelo fato de ser homem ou mulher; pobre, classe média ou rico; negro ou branco; homossexual ou heterossexual; do campo ou da cidade incidem diretamente no modo como os sujeitos vivem os processos de sociabilidade, o que

nos leva a dizer da existência de “juventudes” no plural. Em um país marcado pelo privilégio de uns e pela exclusão de outros milhões, a experiência de ser jovem vai ser marcada pela desigualdade no exercício dos direitos, do acesso à cultura, do acesso à saúde pública, da inserção no mercado de trabalho, e não seria diferente em relação à escola e à educação. A educação como direito constitucional é a mola propulsora para uma sociedade mais igualitária e menos desigual. Mas quando trazemos as juventudes para esse debate precisamos refletir sobre: de qual concepção de educação estamos falando?

Acreditamos que para discutir a educação com o foco nas questões que envolvem as juventudes seja imprescindível partirmos de uma concepção que reconheça irrestritamente tais sujeitos como sendo sujeitos de direito. Nesse sentido, a não garantia desse direito, ou a impossibilidade de exercê-lo, devem ser vistas como um problema social a ser combatido. O jovem, de acordo com sua condição, pode enfrentar grandes dificuldades, seja em relação ao acesso à escola, às condições para se manter na instituição ou mesmo as condições mínimas para a sua sobrevivência.

Ousamos dizer que, na grande maioria das vezes, as instituições educacionais formais pautam seu planejamento quanto ao processo educativo com um foco maior nos conteúdos e nos métodos. O que não é em si o problema. Todavia, o privilégio de uma concepção mais hermética quanto aos modos de se educar implica também a opção por uma concepção educativa que pode não ser sequer reconhecida como significativa pelos sujeitos aos quais se pretende formar. Ouvir os sujeitos aos quais educamos amplia

enormemente a possibilidade de êxito da experiência educativa que se pretende colocar em prática.

Quando refletimos sobre a educação das juventudes estamos dizendo de uma concepção educativa que não prescinde dos conteúdos, mas que não se resume a eles. Pensamos em uma formação em perspectiva ampliada, que seja marcada pela sua condição de humanidade, de formação dialógica, na relação horizontal com o outro, no reconhecimento do que é diverso, respeitamos o diferente. Estamos dizendo de um processo gradativo que é muito mais rico que a sua culminância, que seu ponto de chegada, que não se resume a conclusão de alguma etapa ou a emissão de um diploma. Pensar em educar as juventudes tem relação direta com o que esperamos para nossas próximas gerações, que perfil de sujeito queremos formar, que sociedade ambicionamos e que humanidade desejamos construir para o futuro.

Diante disso estamos convictos que já não cabe em nossas escolas, práticas formativas de conformação dos sujeitos, que servem para apaziguar as disputas sociais, que modelem sujeitos a se habituar com seu lugar de inexistentes e excluídos. A instituição escolar é interpelada a todo momento por esses sujeitos jovens e pressionada a reconhecer suas demandas, suas angústias e suas realidades. Em uma sociedade dinâmica e cada vez mais tecnológica, os jovens têm nos revelado que as experiências, quanto mais rígidas, têm se tornado menos significativas. Não obstante, a discussão da educação deve estar vinculada à discussão de outras políticas públicas com foco nas necessidades e demandas dos jovens, como a segurança e garantia da vida, o acesso à cultura e ao lazer,

bem como a garantia da saúde pública.

Somente o fato de estarmos debatendo uma concepção educativa que reconheça os jovens como sujeitos é em si algo revolucionário. Tal proposta abala as estruturas dessa sociedade pautada no privilégio de determinadas classes e sujeitos, pois implica em questionar uma ordem que mantém as coisas como elas estão, em seus devidos lugares. Mudanças dessa ordem, que implicam na pretensão de intervir na organização social, nas práticas a serem empreendidas, nos modos de lidar com os sujeitos e suas experiências, trazem consigo a roupagem de ser algo, potencialmente, violento, inadequado, errado, isso por conter em si o questionamento do status quo, dos lugares sociais, dos

privilégios.

Nesse contexto, as vítimas quando saem da inércia, são acusadas de serem violentas. Vejamos o exemplo das ocupações juvenis nas escolas no ano de 2015 ao questionar sua forma de organização e funcionamento. Não confundamos a violência dos opressores com a reação dos oprimidos, pois uma realidade de privação e violência historicamente vivida na pele tem o potencial de radicalizar e inflamar suas lutas. Pensar em uma escola na qual seja possível uma educação emancipadora das juventudes é uma atitude ambiciosa e tem relação direta com a busca pela democratização da instituição e a participação/intervenção de todos que nela estão inseridos. Nesse sentido, nos parece vital termos como horizonte uma escola que

proporcione uma educação /formação crítica e que leve o sujeito a entender seu lugar e condição social e, inclusive, inquietá-lo a ponto de propor que a mudança estrutural dessa sociedade seja um objetivo, e agir de forma a alcançá-lo.



Imagem disponibilizada pelo autor.

## Momentos FaE

### Evento: Sankofa





Nos envie sua charge  
e/ou artigo via  
[cenc.fae@uemg.br](mailto:cenc.fae@uemg.br)

Fique por dentro de tudo o que acontece na UEMG através de nosso site.

